

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE
BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL
PRODUÇÃO CULTURAL

MICHELLE BARROS CAITANO

OS ESTIGMAS DA FAVELA E A PRODUÇÃO CULTURAL

Rio de Janeiro
2017
MICHELLE BARROS CAITANO

OS ESTIGMAS DA FAVELA E A PRODUÇÃO CULTURAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Produção Cultural, como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientador:
Prof. Dr. Rodrigo Cazes

Rio das Ostras
2017
MICHELLE BARROS CAITANO

OS ESTIGMAS DA FAVELA E A PRODUÇÃO CULTURAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Produção Cultural, como requisito parcial para conclusão do curso. Área de concentração: Interdisciplinar.

Aprovada em de de .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Cazes (Orientador)- UFF

Prof. Dr.. (Prof^a. Dr^a.) - Afiliação conforme modelo acima

Prof. Dr.. (Prof^a. Dr^a.) - Afiliação conforme modelo acima

Rio de Janeiro
2017

Meu nome é favela
É do povo do gueto a minha raiz
Becos e vielas
Eu encanto e canto uma história feliz
De humildade verdadeira
Gente simples de primeira

Rafael Delgado

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	
2	A origem da favela	
3	Remoção e os problemas do governo	
4	A cidade partida	
5	Economia da favela e o protagonismo do morador	
6	Cultura e produção cultural na favela	
7	Criação cultural na favela	
8	Complexo da Maré e equipamentos culturais	
9	Observatório de Favelas e Galpão Bela Maré	
10	Bibliografia	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo retratar as favelas do Rio de Janeiro e as suas culturas. Seu surgimento, sua resistência no decorrer dos anos, desde o início do século XX até os dias atuais, as lutas enfrentadas para poder ser reconhecida como um território pertencente à cidade, as suas glórias e batalhas vencidas. Os estigmas que são impostos ao nome favela e atrelados aos seus moradores, como eles agem diante das dificuldades e como transformam os obstáculos em pontes para a vitória. A cultura e os hábitos da favela desde o seu início, seus costumes peculiares, as tradições que somente as favelas abrigam e a produção cultural que existe e resiste, criando e reinventando novas maneiras de se afirmar e se manter viva. E por fim, exemplos reais de projetos de um equipamento cultural importante que pertence a uma favela no Complexo da Maré.

OS ESTIGMAS E A PRODUÇÃO CULTURAL NA FAVELA

A origem da favela

Acredita-se que a primeira favela tenha se formado onde hoje é o Morro da Providência, no centro da cidade do Rio de Janeiro, em seu início nomeado morro da Favella¹. No final do século XIX, o termo ainda era usado como substantivo próprio, letra maiúscula e duas letras L. Posteriormente, tornou-se referência a outras aglomerações similares transformando-se em substantivo comum, segundo Valladares (2005).

Há duas versões para a origem do termo. A primeira explicação seria que havia um local denominado Morro da Favella, no município de Monte Santo no Estado da Bahia, onde facilmente se encontrava uma planta intitulada favella, cientificamente conhecida como *Cnidoscolus quercifolius*. Essa vegetação também era encontrada no morro da Providência.

A segunda explicação faria alusão à Guerra dos Canudos no final da década de 1890, referindo-se ao resistente pelotão dos combatentes, que foram essenciais para a vitória final do exército da República que estavam entrincheirados neste morro baiano da Favella. Na demora pela entrega do prêmio pelo desempenho em combate, que seria em forma de moradia e por falta de opção de residência, precisariam fixar-se em algum local, sendo escolhido o Morro da Providência e o nome morro da Favella faria uma homenagem aos combatentes lá fixados.

¹ De acordo com Lícia Prado Valladares em "A invenção da favela: Do mito de oriem a favela.com"



Quartel General e Morro da Providência em 1900. Foto: Anônimo. Fonte: G1²

Especula-se que ainda antes da ocupação dos soldados na Providência, em outros morros já existiam ocupações semelhantes. Seriam os casos do Morro do Castelo e Morro de Santo Antônio, mas a ocupação da Providência teria tido maior visibilidade. Além disso, outros estudiosos ainda acreditam que a primeira favela tenha se formado na década de 1880, em Santos, litoral paulista, seria o quilombo do Jabaquara de acordo com Meirelles e Athayde (2014).

Desde o seu surgimento no início do século XX, a favela sempre foi encarada como um problema pelo poder público. Primeiro como incômodo na urbanidade da cidade do Rio de Janeiro, por ter surgido em pleno centro da cidade e levando à depreciação de bairros vizinhos para o mercado imobiliário, sujando a imagem da cidade e diminuindo as chances de investimentos imobiliários nos bairros com favelas. Ao mesmo tempo, como questão de saúde pública, por conta da precariedade de higiene e controle sanitário, tornando-se focos de doenças e

² Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html>

epidemias. Os barracos eram construídos por meio de recursos provisórios, restos de materiais da indústria e do comércio, buracos e frestas eram reparados com latas e sobras de madeira.

Além de ameaçar a moral e os bons costumes, por ser considerada moradia de malandros, desocupados e desonestos, vista como o local da falta de organização e regras. Por si só a palavra favela carrega consigo uma série de estereótipos e ideias prontas, formando um estigma criminalizante. “Conforme o receituário de estigmatização do conjunto dos pês: pretos, pobres e proletários.” (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p.134)



Primeiras casas do Morro da Providência em 1905. Foto: Renascença.³

³ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html>

Remoção e os programas do governo

Como solução do que eles viam como problema, foram criados programas do governo a fim de remover as favelas. De acordo com Zaluar e Alvito (2006), o Código de Obras da Cidade do Rio de Janeiro, datado de 1937, considerava a situação das favelas uma aberração e não poderiam constar no mapa oficial da cidade. O Código sugeria sua eliminação e proibia novas construções e a melhoria das existentes. E para sanar o problema propõe que sejam construídas habitações proletárias para serem vendidas aos pobres e moradores das favelas.

Nos anos 40 surgiram então os primeiros Parques Proletários, situados na Gávea, no Leblon e no Caju, os quais foram ocupados por cerca de quatro mil pessoas de acordo com Valla (1984 apud ZALUAR e ALVITO, 2006, p.28). A promessa feita à época, no entanto, era que quando os locais de suas moradias estivessem devidamente urbanizados eles pudessem retornar as suas antigas residências. Com a demora das obras, eles permaneceram nos parques proletários por mais tempo do que o prometido, sendo expulsos mais tarde por conta do interesse imobiliário nos bairros da Gávea e do Leblon.

Pouco mais de 4.000 pessoas foram abrigadas nesses três conjuntos: 2.500 na Gávea, oriundas do Largo da Memória, Olaria e Capinzol; 720 no Caju, oriundas de um terreno da Central do Brasil; 3.800 no Leblon, ex-moradores da Favela do Jockey Clube, mais famílias dos pracinhas que lutavam na Itália. (VALLA, 1984, p. 10)



Parque Proletário da Gávea. Foto: Anônimo ⁴

Nos anos 50 e 60 a Igreja Católica criou a cruzada São Sebastião – a qual perdura até os dias atuais – que tinha por finalidade ajudar a melhorar alguns serviços básicos em doze favelas e urbanizando outras duas, a cruzada existe até hoje. O governo municipal do Rio de Janeiro por sua vez cria o Serfha, Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiênicas, com o intuito de ajudar a Cruzada e a fundação Leão XIII, esta tinha como objetivo desenvolver ações sociais nas favelas. Mais à frente o Serfha aproximou-se das favelas e ajudou a implantar associações de moradores onde ainda não havia e seu principal objetivo tornou-se capacitar os habitantes das comunidades a ser independente e negociar seus direitos com as autoridades.

Nos anos 60 o poder público ainda com ideias sobre remoção, decidiu por criar quatro conjuntos habitacionais: Cidade de Deus, Vila Kennedy, Vila Aliança e Vila Esperança. Essa medida, no entanto gerou grande resistência por conta dos

⁴ Fonte: <http://www.rioquepassou.com.br/2004/10/01/parque-proletario-da-gavea-v/>

moradores que seriam encaminhados para tais conjuntos de acordo com Zaluar e Alvito (2006).

Ainda na década de 70 havia interesse em remover algumas favelas, no Vidigal existia um projeto de desocupação de 320 barracos para a construção de um hotel luxuoso, e foi mais uma vez a luta e resistência dos moradores que impediu que se concretizasse esse projeto da prefeitura.⁵ Com a iniciativa da Associação de Moradores do Vidigal que obteve uma ordem judicial que retardava a desocupação, após muita mobilização, conquistaram do governo um decreto que impediria sua remoção.

Já nos anos 90 o governo cria o Programa Favela Bairro. Segundo Zaluar e Alvito (2006) diferente dos programas criados anteriormente – que eram voltados para a remoção das favelas – o programa Favela Bairro teria como princípio intervir minimamente nos domicílios e dar ênfase para a recuperação das áreas e equipamentos públicos daquela favela.

Durante todos esses anos a favela tem resistido e lutado contra os governos, instituições financeiras de grande impacto na cidade do Rio de Janeiro, ideologias elitistas que hoje compõem e fazem dessa a sua história de resistência. “Após 100 anos de luta, empregando diferentes formas de organização e demanda política, inclusive o carnaval, a favela venceu.” (ZALUAR & ALVITO, 2006, p. 21)

Infelizmente para muitos a favela ainda não é vista como o lar de diversos brasileiros e fonte de oportunidades. No entanto, ela existe e resiste através do suor e sangue de seus moradores, com locais de difícil acesso, desprovido de beleza, fora dos padrões urbanísticos usuais, desafiando as leis da física, mas com toda sua plenitude, com sua diversidade de defeitos e virtudes. E que, ainda assim, seguem na memória afetiva dos que ali vivem e viveram, que nutrem um amor e orgulho do seu local de origem. Contudo seus defeitos ainda existem, junto de seus problemas estruturais que perduram através das décadas.

⁵ MEIRELES, Renato; ATHAYDE, Celso. Um país chamado favela. São Paulo: Editora Gente, 2014, p. 36.

Ainda hoje o descaso do Estado e das políticas governamentais é nítido, e muitos serviços públicos não funcionam como deveriam, é o caso da coleta de lixo, do transporte público, da pavimentação de ruas e calçadas, falta de postos de saúde, esgoto a céu aberto, a creche que não tem educadores, as crianças que sentem falta de um local apropriado de lazer, dentre outras questões. No entanto a avaliação dos moradores é que as coisas já foram bem piores e outros pontos apresentaram melhoria com o passar do tempo.

Mais do que espaço, a favela é o lócus de determinada experiência. É a construção que desafia os conceitos de Isaac Newton, mas é também uma cultura em movimento, uma construção de significados, uma aventura de resistência e um teatro singular de relações sociais. (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p.164)

O favelado, por muitas vezes, ficou sendo invisível para a sociedade. Durante todos esses anos a luta é por igualdade e respeito. Duas expectativas distintas permanecem até hoje: sobre a favela ser o local da esperança, resistência e transformação sonhada. E sobre ser o local de guerra e horror que contamina a cidade. Criando-se uma luta dos favelados em serem reconhecidos como cidadãos e destruir as barreiras invisíveis entre favela e cidade. “Ainda assim, o universo da favela parece invisível à grande mídia, aos intelectuais e à boa parte dos planejadores de negócios, que ignoram e desprezam seu poder transformador.” (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p.28)

Como exemplo, os muros das vias expressas Linha vermelha e Linha amarela, que escondem as favelas do Complexo da Maré. Tais vias levam ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro e são de excessiva movimentação. Denominado pela prefeitura corredor acústico, segundo eles o corredor não teria o objetivo de esconder as favelas, mas sim de conter o ruído do tráfego das vias para a favela. E a colocação de adesivos faria parte do processo de recepção de turista e comitivas governamentais com o intuito de embelezar a cidade.



Muros que cercam as favelas da Maré na Linha vermelha. Foto: Google Street View. ⁶

No entanto, a pesquisa “Os muros do invisível”⁷ elaborada pela Redes de Desenvolvimento da Maré e Observatório de Favelas, no ano de 2011, revelou que, para 73% dos moradores do Complexo da Maré o muro foi desenvolvido com o propósito de esconder e segregar ainda mais as favelas. “Em síntese, para as elites e camadas médias brancas, e, não raro, para os governantes, favela foi e tem sido, em um século de história, o lugar do “Outro”.” (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p.9)

⁶ Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/07/muro-que-separa-linha-vermelha-de-favela-ganha-paineis-da-olimpiada.html>

⁷ <http://consciencia.net/73-dos-moradores-da-mare-rj-afirmam-que-muro-da-linha-vermelha-serve-para-maquiar-comunidade/>

A cidade partida

Reflexo dos estigmas que atravessam a favela, percebe-se uma linha imaginária que delimita a favela e a cidade, tornando-as, para o imaginário coletivo, dissemelhantes. No entanto o problema não está somente na diferença social e econômica, há discrepância de direitos, territórios e culturas, o que implica além de restrição de direitos, em constrangimentos vários. Segundo Zaluar e Alvito (2006) são incontáveis as composições musicais que mostram a favela como algo alheio, algo que não faz parte da cidade, não importando as situações ou os personagens, como se muralhas separassem a favela da cidade. As composições ainda contam histórias de indivíduos que abandonam seu local de origem, sua família e seus vínculos sociais a fim de tentar se encontrar na cidade.

De acordo com Jailson Silva (2004), geógrafo e diretor do Observatório de Favelas, é fundamental a discussão sobre a noção de cidade, quando se fala de ocupação social, fala-se de um espaço que é fora das fronteiras da cidade, fora da civilização e que é necessário levar determinado conjunto de equipamentos, acesso a serviços públicos para que a favela se incorpore. Esta ideia estaria implícita no conceito de cidade partida, como se houvesse uma cidade dos excluídos e uma cidade dos incluídos.

No entanto a cidade é uma só, ela é a manifestação de diversas vivências culturais, fraternais e existenciais, o conceito sobre a cidade partida ocorre quando não se compreende que a cidade é plural tanto quanto única e singular, conceito desenvolvido por Zuenir Ventura em seu livro Cidade Partida. As cidades atuais nos desafiam a construir novas identificações de reconhecimentos das diferenças culturais e sociais, o desafio é para que seja estabelecida uma pluralidade da cultura. É evidente que práticas da cultura popular exercem uma função significativa no imaginário da cidade, hábitos que remetem aos costumes das favelas e territórios periféricos, todavia tais práticas contagiam a cidade, temos como exemplo o carnaval e o samba.

Não é difícil encontrar equipamentos culturais espalhados pela cidade do Rio de Janeiro, sua maior concentração é pelo Centro da cidade e Zona sul, na grande área periférica os investimentos não são suficientes para igualar o acesso em toda a

cidade. É notório que as favelas e bairros populares não são prioridade quando o assunto é o eixo de arte e cultura, tornando assim a distribuição dos equipamentos elitista, dificultando o acesso a outros equipamentos culturais que estão espalhados pela cidade do Rio de Janeiro, por todas as classes sociais. Todavia, saibam que a importância desse tipo de investimento faria grande diferença na diminuição da desigualdade e no desenvolvimento social, podendo transformar as circunstâncias das vidas dos moradores das favelas. Conclui-se que a política de investimentos culturais necessita ser reformulada para agregar novos espaços e reconhecer que as favelas são territórios de criação da cultura.

A produção e a recepção de cultura das favelas precisam ser estimuladas e promovidas como expressão legítima da cidade do Rio de Janeiro. O poder público deverá se empenhar para garantir as condições de produção artística e de sua difusão cultural, preservando, porém, a autonomia criativa e a circulação de produtos. (BARBOSA & DIAS, 2013, p.25)

Economia da favela e protagonismo do morador

Sabemos que, por conta da desigualdade social, muitos daqueles que não tiveram oportunidades ou deixaram elas passarem, às vezes recorrem a atividades ilícitas, encontrando nesse tipo de ofício a única possibilidade economicamente viável ao seu alcance, por tantas vezes sendo essa a exclusiva forma de se sustentar.

Contudo, a favela é composta em sua maioria por trabalhadores formais e informais que não participam de atividades criminosas, é moradia de uma gama de personagens que possuem histórias e trajetórias singulares. Todavia os noticiários dão ênfase àqueles que recorrem a atividades ilegais, mesmo sendo esses em menor número. Por falta de conhecimento, essa é a imagem que está gravada na memória coletiva da população.

Lugar do lodo e da flor que nele nasce, lugar das mais belas vistas e do maior acúmulo de sujeira, lugar da finura e elegância dos sambistas, desde sempre, e da violência dos mais famosos bandidos que a cidade conheceu ultimamente, a favela sempre inspirou e continua a inspirar tanto o imaginário preconceituoso dos que dela querem se distinguir quanto aos tantos poetas e escritores que cantaram suas várias formas de marcar a vida urbana no Rio de Janeiro. (ZALUAR & ALVITO, 2006, p.8)

É fato que a favela sempre conviveu com vários tipos de atividades econômicas, tanto no setor formal quanto no informal. Mas não se pode negar que o tráfico é um modelo de negócio ilegal que movimenta financeiramente as comunidades dominadas por organizações criminosas e de fato influencia diretamente no desenvolvimento da favela e dos que estão envolvidos nessas organizações.

Com a chegada do tráfico de cocaína em toda a cidade, a favela – onde as quadrilhas se armaram para vender no mesmo comércio que movimenta o resto da cidade e do país – passou a ser representada como covil de bandidos, zona franca do crime, habitat natural das “classes perigosas”. (ZALUAR & ALVITO, 2006, p.15)

Ainda que o desejo de melhorar de vida, seja por vontade de possuir bens ou acessar outros locais, atravesse todas as classes sociais, esta ambição não deveria ser geradora de violência, entretanto este é um fator complexo e suas causas não são de fácil entendimento. De acordo com Bezerra Junior (2006) a pobreza só é causa de violência quando a riqueza econômica e o consumo de bens materiais são considerados valores hegemônicos, colocando em um segundo plano os outros valores.

Segundo Meirelles e Athayde (2006), se formassem um estado, as favelas do Brasil seriam o quinto estado mais populoso da federação, capaz de movimentar 63 bilhões de reais a cada ano. Nos últimos anos a favela se tornou uma crescente escola de novos empreendimentos. Por conta das dificuldades, o morador precisou criar e reinventar negócios a fim de gerar renda para si próprio e sua família, tornando os empreendimentos rentáveis e bem sucedidos. Atualmente, a favela cresce economicamente, todavia sua economia ainda não é sólida, é preciso respeitar seus limites e incentivar a parceria e os estudos no campo do empreendedorismo.

Apesar de ser um cenário heterogêneo, onde existe um progresso surpreendente, o mesmo território divide espaço com problemas de formação e infraestrutura. Uma realidade divergente, em poucos metros observamos comércios evoluídos, casas e prédios bem acabados contrastando com barracos de madeiras prestes a ruir.

No geral, podemos concluir que o nível de desigualdade vem diminuindo dentro das favelas, a média salarial em 10 anos saltou 54%, no período de 2003 à 2013, segundo dados do data favela.⁸ Por meio da educação e do empreendedorismo, o favelado encontra um meio de experimentar a ascensão social. Aumentando o consumo, ainda que a alegria de possuir determinado bem seja feita em diversas prestações, o consumo de produtos mais requintados traz a promessa de melhora social.

⁸ MEIRELES, Renato; ATHAYDE, Celso. Um país chamado favela. São Paulo: Editora Gente, 2014, p. 30.

De acordo com o Data Popular⁹ as favelas do Brasil movimentam cerca de 80 milhões de reais, certificando que as favelas são verdadeiras incubadoras de negócios locais. O empreendedorismo das favelas é responsável pela movimentação econômica dentro das comunidades. Os empreendimentos são diversos, é uma gama de salões de beleza, restaurantes e bares, mercadinhos, farmácias, lojas de roupas, entre outros comércios.

Essa habilidade de criar solução para todas as adversidades da vida, com certeza, é uma qualidade que os moradores das favelas sabem fazer com excelência. Tornando dessa forma esse território criativo e acima de tudo solidário, através de uma colaboração mútua formam-se alianças e fortalecem as redes e os diálogos, potencializando a luta pelo direito à cidade. Com certeza parceria é uma característica que se tornou essencial desde que os moradores das favelas determinaram que fosse importante mostrar o seu protagonismo. Reflexo de anos de resistência e luta para habitar com dignidade a cidade, pois foi preciso durante muito tempo (e ainda hoje), que se esforçassem para conquistar seus direitos, acesso aos equipamentos e serviços. Ainda que esses territórios sejam complexos e diferentes entre si, seus moradores criam maneiras particulares de se protegerem e serem solidários.

⁹ Fonte: <http://www.tierrasdeamerica.com/2017/05/01/os-empresendedores-nas-favelas-brasil-o-projeto-favela-legal-regularizara-atividades-ja-existentes-e-incentivara-requalificacao-profissional-de-outros/>

Cultura e produção cultural nas favelas

Na década de 1920 surgiu o samba, próximo às favelas, mais especificamente entre os bairros do Estácio e a Praça Onze, de acordo com Fernandes (2012). Se tornando uma expressão cultural e musical de grande criatividade por parte dos habitantes da cidade, marcando uma importante etapa da produção cultural nas favelas e bairros adjacentes. O samba é originário da cultura urbana e ganhou força nas favelas, resistindo e se reinventando, a fim de mostrar os costumes, as práticas e os valores que as favelas possuem, ganhando o mundo desde o surgimento.

O samba é patrimônio cultural do Brasil¹⁰, expressão cultural que dialoga com outras expressões da cultura brasileira. Fez crescer o mercado de bens culturais e é uma prática cultural que perdura até os dias de hoje. Com o surgimento do samba, nasce também o carnaval, que contagia toda a favela, sinônimo de alegria, valentia e irreverência. Cada vez que uma escola de samba vence a disputa na avenida, é a sua comunidade que está levando o título.

Segundo Fernandes (2012), as escolas de samba surgiram nas favelas, subúrbios e bairros vizinhos e conquistaram a cidade do Rio de Janeiro, que nessa época era capital do país. A primeira escola de samba nasceu exatamente onde o samba surgiu, no bairro do Estácio de Sá, chamava-se “Deixa Falar”¹¹.

Podemos resumir que a Deixa Falar inventou a escola de samba quando criou este nome e privilegiou uma orquestra baseada em instrumentos de percussão, formada por tamborins, latas de manteiga encouradas (o surdo), pandeiros e reco-recos que marcavam o ritmo da dança dos sambas cantados durante os desfiles. (FERNANDES, 2012, p.4)

¹⁰ <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1941/samba-do-rio-de-janeiro-e-patrimonio-cultural-do-brasil>

¹¹ FERNANDES, Celso de Nóbrega. Escolas de Samba, Identidade Nacional e o Direito à Cidade. Niterói, 2012, p. 2.

As grandes sociedades, o corso e os ranchos carnavalescos precederam as escolas de samba e eram essas manifestações que comandavam o carnaval na cidade do Rio de Janeiro, esses grupos eram integrados pelas elites e setores médios. Eram essas manifestações que faziam o carnaval acontecer no final dos anos 20 e início dos anos 30, ainda de acordo com Fernandes (2012).



Foliões brincando no carnaval de rua na década de 1920. Foto: Acervo Estadão.¹²

O samba era de improviso e não tinha uma produção individualizada, o que refletia a forma comunitária com que os músicos tinham de divertir-se. (ZALUAR E ALVITO, 2006, p.125). Na década de 1920 o samba ainda era muito marginalizado e por conta disso era alvo de julgamentos, os sambistas eram tidos como malandros, e o samba também não era visto propriamente como um negócio cultural como é nos dias de hoje. Os sambas passaram a ser conhecidos quando os pequenos

¹² Fonte: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,1-escola-de-samba-da-cidade-surgiu-na-pompeia,8887,0.htm>

blocos de carnaval foram às ruas¹³, levando exuberância e sensualidade, trazendo à tona sentimentos que não pertenciam à rotina do resto da sociedade.

Em livro homônimo, Hermano Vianna (1995) desvendou parte deste “mistério” e destacou o papel de intelectuais e políticos, como o sociólogo Gilberto Freyre e o médico e prefeito do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto, cujas opiniões e ações “pavimentaram” o caminho que trouxe para o centro da cidade e da nação uma expressão cultural que vinha dos morros, dos subúrbios e das favelas cariocas. (FERNANDES, 2012, p.2) |

Nos anos 30, os blocos começaram a se institucionalizar, as pequenas agremiações musicais se desenvolveram em amplas instituições. Os desfiles são parte de um processo histórico que reproduz e transforma as práticas culturais, a competição tornou a divisão dos blocos e das escolas de samba mais claras.¹⁴

¹³ ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Um século de Favela. Rio de Janeiro. Editora: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 125.

¹⁴ ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Um século de Favela. Rio de Janeiro. Editora: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 126.



Desfile de carros alegóricos na Lapa nos anos 1930. Foto: Acervo Estadão.¹⁵

“O samba é, sobretudo, movimento, dos pés, das cadeiras, dos braços, do corpo inteiro. É exercício coletivo do fazer musical e guarda a mais autêntica ligação com o movimento físico ensaiado e organizado, aquele que encanta durante os desfiles de carnaval” (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p.107)

Atualmente o carnaval se tornou uma grande indústria cultural, as escolas de samba são empresas milionárias, que influenciam no turismo e na economia da cidade do Rio de Janeiro. Com luxuosos carros alegóricos, fantasias caras, repletos de brilho e riqueza.

Hierarquias sociais, compromissos e interesses permeiam de tal forma as práticas carnavalescas atuais que parecem ter retirado delas toda a capacidade de ironizar, brincar, quebrar regras e desafiar autoridades. (ZALUAR E ALVITO, 2006, p.115)

Berço de uma forte cultura musical, o samba hoje é tradição, não só nas favelas, mas em todo o país, tendo se tornado um legado e com grande importância nas origens da música popular brasileira. Não foi à toa que em 2013 o samba e o

¹⁵ Fonte: Fonte: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,1-escola-de-samba-da-cidade-surgiu-na-pompeia,8887,0.htm>

pagode foi indicado como os estilos musicais mais ouvido nas favelas, comprovado pelo Data Favela.¹⁶

A partir dos anos 70 surge nas favelas da cidade do Rio de Janeiro o funk carioca, como forma de manifestação, descrevendo o dia a dia e história das favelas, seus momentos de luta e resistência, narrando relatos violentos, e que com o passar do tempo ganhou novos temas. No entanto, o funk só tomou grande proporção em toda a cidade do Rio de Janeiro nos anos 1990, quando os noticiários começaram a retratar os funkeiros vinculados à violência.¹⁷

A história do funk carioca tem origem na junção de tradições musicais afrodescendentes brasileiras e estadunidenses. Não se trata, portanto, de uma importação de um ritmo estrangeiro, mas sim de uma releitura de um tipo de música ligado à diáspora africana. (FACINA, 2009, p.2 – 3)

Com a chegada do funk nas favelas, surgem os bailes funks, que são realizados em clubes de bairros, quadras de escola de samba, terrenos baldios e até em Cieps. E são classificados em três categorias: baile de corredor, baile normal e baile de comunidade¹⁸. O hip hop e o charme também encontraram abrigo nas favelas, multiplicando os ritmos e reverberando pela cidade, transformando também a produção cultural nas favelas.

Bailes atraindo suas diferentes galeras são expressões contundentes de uma cultura de massas que nasce – mas transborda – as favelas, para misturar alegrias, dores, recusas, paixões e protestos. (BARBOSA & DIAS, 2013, p.24)

¹⁶ MEIRELES, Renato; ATHAYDE, Celso. Um país chamado favela. São Paulo: Editora Gente, 2014, p. 107.

¹⁷ FACINA, Adriana. “Não me bate doutor”: Funk e criminalização da pobreza. Salvador. 2009, p. 4.

¹⁸ ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Um século de Favela. Rio de Janeiro. Editora: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 146.

Dentre tantos significados e definições, pode se dizer que cultura é a junção de práticas e hábitos que definem a maneira como uma determinada comunidade vive. Ela se desenvolve a partir das experiências e relações que os indivíduos compartilham um com o outro, imprimindo seus significados e símbolos. Fazendo com que os indivíduos possam se conhecer e se sentirem pertencentes ao seu território, possibilitando a reflexão sobre seus deveres e direitos.

A cultura é muito mais do que um conceito normativo empregado para definir distinções entre práticas sociais, ou mesmo entre seres humanos. Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos no ato de conceber e conhecer o mundo a partir das semelhanças e diferenças que são construídas em suas histórias de existência. (BARBOSA & DIAS, 2013, p. 17)

Criação cultural na favela

A favela, portanto, não é apenas local de moradia, mas também local de criação cultural e vem mostrando um protagonismo cultural que cada vez maior ano após ano, fabricando sua própria cultura, seu entretenimento e projetos. A favela mostra que é um local rico quando o assunto é criação cultural, misturando ritmos e expressões culturais, criando a sua identidade na cidade. O samba marcou o início da produção cultural nas favelas, no entanto o território da favela nos dias atuais abriga uma gama de práticas e experimentações culturais. Samba, funk, forró, grafite, fotografia, dança contemporânea, são inúmeras expressões culturais que se misturam.¹⁹

Embora a violência e a pobreza ainda sejam características das favelas, não podemos deixar de citar que suas particularidades estéticas e seus símbolos multi culturais também fazem parte dessas características, construção de pertencimento, de propriedades materiais e imateriais, ainda que, muitas vezes, não prevaleçam nos parâmetros de cultura da cidade.

“A favela é reduto da criatividade, da invenção, do empreendedorismo pleno, das artes, dos afetos e da solidariedade. E, se concordamos, a carência não é uma característica daqui.” (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p. 17)

A importância da criação cultural nas favelas é percebida quando naturalmente resultam no protagonismo e empoderamento dos moradores, potencializando a construção de repertório, o poder de inventividade e a realização do morador em protagonizar e ser reconhecido por uma transformação no seu território de origem.

A favela se reinventa, aprende e ensina, essa transformação é silenciosa, mas impulsionada dia a dia pela força de vontade de vencer e ver mudança, ainda que falte reconhecimento por parte do governo e gestões da cidade, evidenciando

¹⁹ Como exemplo, no Complexo da Maré as produções culturais são muitas. No Centro de Artes da Maré há produção de dança contemporânea com a Cia Núcleo 2. No Galpão Bela Maré há produção de Artes Visuais com oficinas pontuais e artistas diversos.

estereótipos e preconceitos, diante das hierarquias que se sobrepõem nas questões de produção e consumo cultural.

É nesse sentido que podemos afirmar que as favelas são solos férteis para criação cultural. (...) Inventam representações inovadoras do território e retraduzem pertencimentos das favelas à cidade. Por isso e muito mais, a favela é um território de experimentações, de singularidades e de desafios. (BARBOSA & DIAS, 2013, p.21)

O consumo de bens culturais pelos moradores das favelas em outras partes da cidade, principalmente na área central e Zona Sul, ainda é baixo. O valor e a distância dificultam e reduzem o acesso, por conta da divergência social e territorial, agravados pela falta de costume e o medo de não se sentirem confortáveis, não saberem como se comportar. Existindo ainda uma fronteira que impede de se apropriarem de uma cultura que parece distante da realidade, impedindo novas experiências culturais. Por conta desses fatores alguns moradores preferem as opções de entretenimento que ficam na favela mesmo, ainda que não existam muitas alternativas. Fazendo com que frequentem, por exemplo, o mesmo pagode, toda semana, ou o mesmo baile funk. No entanto, na maioria das vezes, além de economicamente acessível, ter os amigos por perto torna os programas mais atrativos.

A ideia de favela que domina o imaginário coletivo junto com a segregação territorial e a falta de ligação real com o resto da cidade influencia de modo direto no desenvolvimento social dos moradores. Resultando em um distanciamento e não pertencimento ao que é de direito a todos os cidadãos, favelados ou não, de modo a impedir que os moradores interajam com o restante da cidade.

Quando tratamos da cultura em uma concepção crítica, particularmente na sua historicidade urbana, estamos diante de um duplo desafio: reconhecer e afirmar sujeitos e territórios na disputa de proposições dos rumos do espaço urbano, particularmente diante da centralidade política da cultura no contemporâneo. Em palavras mais contundentes, a afirmação dos direitos culturais é indissociável das lutas pelo direito à cidade. (BARBOSA & DIAS, 2013, p.19)

Dados do Data Favela revelam que, quanto mais jovem, mais interessado o morador das favelas se mostra em relação à cultura, literatura e música, principalmente.²⁰ Estimulados por uma inventividade natural que os jovens possuem, cada vez mais preocupados em se posicionar politicamente e em romper essa invisibilidade que a sociedade impõe. Essa postura não é apenas uma curiosidade, mas um jeito de ser reconhecido como sujeito na cidade, conquistando seus direitos e afirmando a importância das expressões culturais periféricas.

“A favela é, por natureza, mais coletiva e cada um de seus habitantes representa um conjunto complexo de vontades, aspirações, ressentimentos, rancores, amores e sonhos.” (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p. 83)

Observa-se que os projetos culturais nas favelas aproximam os moradores de vivências sociais, permitindo reativar um desejo de explorar o espaço público por meio das práticas culturais e de lazer. Quando um projeto ganha vida dentro de uma favela, principalmente quando áreas abandonadas são ocupadas e ressignificadas, proporciona uma transformação que permite uma melhor convivência para seus moradores, dessa forma entende-se que a cultura funciona como dispositivo de identificação com o território.

Através das práticas culturais, percebe-se um interesse no morador em entender e buscar seus direitos como qualquer indivíduo que merece reconhecimento e respeito que outros cidadãos, independente da quantidade da imersão na educação formal que possa ter. Numa cidade que possui barreiras invisíveis e segrega, o contato com outras práticas culturais permite que o morador perceba outros equipamentos culturais na cidade e queira conhecê-los, incentivando-os a habitar e explorar qualquer canto da cidade. Tornar a cidade toda culturalmente mais igualitária e interativa é um objetivo bem distante de se tornar realidade, no entanto quando o indivíduo entende que a cidade é para todos se torna mais fácil alcançar essa democracia, do mesmo modo que incentivar que eles

²⁰ MEIRELES, Renato; ATHAYDE, Celso. Um país chamado favela. São Paulo: Editora Gente, 2014, p. 116.

entendam que a favela é um lugar importante tanto quanto qualquer outro canto da cidade, faz com que os moradores se interessem em buscar seus benefícios. Proporcionando a transformação desses espaços negativos em positivos, antes estigmatizados como locais de violência e pobreza, fazendo com que sintam orgulho do seu lugar e das suas práticas culturais. Fazer com que a favela seja vista por todos, não só pelos seus moradores, como um lugar digno, que transborda cultura e que faz parte da cidade como um todo ainda é uma batalha quase que diária.

Todavia, é necessário incentivar as práticas culturais que já existem nas favelas, de modo que a preservar o patrimônio imaterial existente e sua memória. Além disso, desestigmatizar seus hábitos culturais também é de extrema importância, trazendo um entendimento que a cultura gerada e consumida nas favelas é instrumento de poder para que os moradores consigam quebrar barreiras e acabar com os obstáculos que teimam em segregar as favelas. Romper com a imagem de que práticas como: frequentar o baile funk ou pagode, churrasco na laje, futebol na rua, em muitos momentos consideradas pelos próprios moradores como do estilo de vida comum nas favelas e bairros populares são inferiores às práticas comuns em outros bairros. Além de ser de extrema relevância ressaltar que não só o funk e o samba são práticas comuns dentro das favelas, há moradores interessados em diversas áreas e bens culturais.

Apesar de cada favela ter a sua particularidade e nenhuma ser igual a outra e não possuir os mesmo hábitos culturais, a diversidade faz de cada território único, ainda que possuam costumes e tradições similares, são universos singulares com qualidades e defeitos. O olhar atento daqueles que compõem a transformação da favela é fundamental para preservar sua memória e permitir que os processos de mudança e crescimento aconteçam de forma natural.

Complexo da Maré e Equipamentos Culturais

O complexo da Maré fica localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, atualmente com cerca de 140 mil habitantes²¹ vivendo nas 16 comunidades que compõem esse complexo de favelas. São elas: Parque União, Vila dos Pinheiros, Nova Holanda, Vila do João, Parque Maré, Baixa do Sapateiro, Roquete Pinto, Salsa e Merengue, Marcílio Dias, Morro do Timbau, Conjunto Esperança, Rubens Vaz, Conjunto dos Pinheiros, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Nova Maré e Praia de Ramos.



Mapa do Complexo da Maré.²²

Próxima à Avenida Brasil e de importantes vias que atravessam a cidade (Linha Vermelha e Linha Amarela) e às margens da baía de Guanabara. Essa região era alagadiça, composta de mangues e praias, por conta disso denominada Maré. Foi aterrada por volta de 1940, quando indústrias e fábricas começaram a se instalar

²¹ De acordo com o censo Maré. Censo de Empreendimentos Maré / organização: Redes da Maré. – Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014.

²² Fonte: Jornal O Dia

às margens do novo eixo viário da cidade do Rio de Janeiro, Avenida Brasil, criada na Era Vargas para ser um caminho alternativo, com o intuito de desafogar o tráfego nas ruas dos bairros da zona da Leopoldina.

As primeiras moradias do Complexo da Maré começaram a ser construídas pelos trabalhadores das fábricas e indústrias, por conta dos baixos salários era mais vantajoso se manter próximo ao emprego para não ter gastos com deslocamentos, dessa forma foram criadas as primeiras favelas naquela região, primeiro sobre os terrenos que haviam sido aterrados e posteriormente sobre palafitas nas áreas que ainda eram alagadas.

Na verdade, a Maré é um dos maiores laboratórios urbanos de habitação popular do país, onde inúmeras experiências habitacionais foram feitas nas últimas décadas. O próprio sítio sofreu tantas alterações que a própria maré que deu nome ao complexo já não existe mais; foram tantos aterros, que o mar já ficou bem distante. (JACQUES, 2002, p.19)

De acordo com o Censo Maré²³, em 1994 a Maré tornou-se oficialmente um bairro e é o 9º mais populoso dos 161 bairros reconhecidos oficialmente pela cidade do Rio de Janeiro. Quando essas fábricas começaram a ser desativadas, muitas foram abandonadas e tornaram-se grandes vazios industriais, com o passar do tempo muitas foram invadidas e ocupadas para fazer moradia, outras tornaram-se espaços culturais, é o caso do Galpão Bela Maré, equipamento cultural do Observatório de Favelas.

A Maré é uma região onde transborda criação cultural, desde a época que as fábricas deixaram grandes espaços vazios e surgiram grupos com iniciativas culturais para ocupar esses espaços, até os dias atuais onde podemos encontrar equipamentos e ações culturais em cada favela do Complexo da Maré. São solos férteis que fazem brotar atividades e ações diversas, em vários eixos da cultura, mesmo com todas as dificuldades que existem, as favelas do Complexo da Maré se reinventam dia após dia.

²³ Censo de Empreendimentos Maré / organização: Redes da Maré. – Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014.

É a mistura da arte com a vida que faz a esperança cotidiana ser chamada de cultura. Por isso que a favela é um território de experimentações e desafios. Olhando não identificamos equipamentos culturais monumentais. Mas quando nos aproximamos fica em relevo a pluralidade de invenções e de práticas que dão significado à existência humana. (BARBOSA & DIAS, 2013, p.11)

Podemos citar alguns equipamentos culturais existentes no Complexo da Maré como exemplos: Museu da Maré, no Morro do Timbau; Centro de Artes da Maré e Galpão Bela Maré na Nova Holanda; Lona Cultural Herbert Vianna, na Baixa do Sapateiro; Observatório de Favelas, no Parque Maré; Ação Comunitária do Brasil, na Vila do João.

Observatório de Favelas e Galpão Bela Maré

O Observatório de Favelas, fundado em 2001, é uma organização da sociedade civil e desde 2003 tornou-se OSCIP (Organização da sociedade civil de interesse público). Criado por pesquisadores e profissionais oriundos de espaços populares, fica localizado no Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente a instituição agrega além dos profissionais de bairros periféricos, também profissionais de outros locais da cidade.

O observatório de favelas atua em pesquisa, consultoria e ação pública que se dedica à produção de conhecimento e proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. Atualmente existem mais de 10 projetos em andamento, com diferentes eixos: Políticas Urbanas; Educação; Comunicação; Artes e Território; e Direito à Vida e Segurança Pública²⁴. A missão da instituição é elaborar conceitos, metodologias, projetos e programas que colaborem na criação e avaliação de políticas públicas com o intuito de superar as desigualdades sociais. Dedicando-se para que o direito à cidade e uma cidadania plena estejam garantido a todos.

No eixo de Artes e Território, o Observatório de Favelas, administra junto à produtora Automática o Centro Cultural Bela Maré, mais conhecido como Galpão Bela Maré, fica localizado na favela Nova Holanda. Fruto de um amadurecimento do Observatório de Favelas, onde possibilita o encontro entre o simbólico e o real, foi fundado em 2011 com o intuito de contribuir para democratização e difusão da cultura, valorizando as práticas artísticas. O espaço que o Galpão funciona hoje, foi uma fábrica de embalagens descartáveis, após alguns anos sem funcionamento foi alugado pelo Observatório de Favelas para enfim inaugurar um centro cultural. Nos três primeiros anos de funcionamento esse local era alugado, após se consolidar como um espaço cultural naquela localidade foi efetuada a compra com ajuda de instituições financeiras, como o Itaú Cultural e doação de alguns artista, como Vik Muniz, além de recursos próprios do Observatório de Favelas, o pagamento levou cerca de dois anos para ser totalmente efetuado, de acordo com Jailson Silva.

O Galpão Bela Maré é um espaço para criação e propagação da arte e da cultura, por meio das diversas manifestações que acontecem nas suas

²⁴ De acordo com a apresentação da instituição no site: <http://of.org.br/apresentacao/>

programações. Aberto para articulação da produção cultural e artística dos moradores da Maré e também de grupos e coletivos da cidade do Rio de Janeiro. O galpão promove diversas intervenções culturais no território, além de estimular a criação de novos grupos e iniciativas, o intuito é estar em sintonia com o mundo contemporâneo, tornando o campo artístico ferramenta para fortalecer o desenvolvimento econômico, social e territorial.

Atualmente o galpão faz parte do programa de Ponto de Cultura da cidade do Rio de Janeiro, estimulando o reconhecimento da Maré como um território de invenção e criação. Valorizando o trabalho de fotógrafos, produtores culturais, comunicadores, artistas, educadores, entre outros que estão envolvidos nos projetos realizados pelo galpão, possibilitando uma conexão entre as ideias e ações que se multiplicam, viabilizando intercâmbios e intervenções estéticas que fortalecem a potência das favelas e produzem novos modos de representação e leitura dos espaços populares.



Galpão Bela Maré visto de dentro. Foto: Douglas Lopes

Na sua estreia, o Galpão Bela Maré recebeu a exposição Travessias 1, que desde 2013 faz parte do calendário cultural anual da cidade do Rio de Janeiro e encontra-se na 5ª edição. O Travessias é uma exposição de arte contemporânea que conta com a participação de artistas nacionais, alguns até reconhecidos

internacionalmente. Possibilita a descentralização das atividades culturais da cidade do Rio de Janeiro, que no geral se encontram pela região central e Zona Sul, assim como diz seu nome, ele estimula que essas travessias sejam feitas por diversos espectadores de arte, que vem de diferentes partes da cidade.

No início houve resistência e não entendimento sobre o centro cultural por parte dos moradores da Maré, no entanto, com o decorrer do tempo e a partir do contato com as obras de artes presente nas exposições, perceberam que aquele espaço pertence também a eles. A aproximação com a arte acontece de forma tímida e é necessário que seja de maneira natural, para que não crie um hiato ainda maior entre o espectador e a obra de arte, quando ele se reconhece naquele espaço, facilita o entendimento e cria a sensação de pertencimento.

É importante pontuar que o galpão vem se consolidando como parte da agenda da cidade do Rio de Janeiro nos último dois anos, quando consegue se manter aberto durante todo o ano. O que torna esse espaço uma opção de entretenimento não apenas pontual durante alguns meses, como acontecia nos primeiros anos, que após as exposições fechava suas portas até a próxima programação, por falta de verba para se manter aberto durante o restante do ano. Por não ter recurso próprio, seu financiamento acontece por meio de projetos, portanto quando não há projetos aprovados para realização, infelizmente o galpão precisa ser fechado.

Atualmente o galpão recebe diversas programações além das exposições, algumas delas são: Vou fazer arte, ação voltada para jovens com o objetivo de documentar o território em que vivem; Cine Bela, sessões de cinema são exibidas para espectadores de diversos locais da cidades; Bela Labe, com atividades voltadas para arte e tecnologia, criação e desenvolvimento de softwares, hardwares e metodologias; Biblioteca Bela Maré, aberta para visita durante todo o horário de funcionamento do galpão, os livros são apenas para consulta no local, ainda não possui sistema de empréstimos. Atualmente o galpão está recebendo a exposição Diálogos Ausentes, idealizada pelo o Itaú Cultural, com 17 artista negros de diversos locais do Brasil, tem como tema central o racismo e aborda diversos assuntos da cultura negra.

CONCLUSÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo abordar os estigmas que os moradores das favelas sofrem todos os dias e mostrar a produção cultural tão presente e pulsante nas favelas, tomando como exemplo o Complexo da Maré, de onde sou residente desde que nasci.

A primeira parte retrata o surgimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro e como elas foram vista diversas vezes como um problema para o poder público. Mostra como se fortaleceu e resistiu a tantas adversidades, remoções e programas que visavam exterminá-las dos mapas da cidade. Determinadas questões perduram até os dias atuais e os seus moradores precisam enfrentar os problemas, lutar para que a favela seja reconhecida como parte da cidade e criar soluções para conseguir sobreviver, o favelado já nasce sabendo que todo dia precisa vencer uma batalha diferente.

A produção cultural existente nas favelas e seus hábitos peculiares existem praticamente desde que a favela surgiu, o samba, o pagode, o funk são tocados na favela e nos bairros nobres, a cultura facilmente vence essa barreira que insiste em permanecer no imaginário da população. Mas como visto nos equipamentos culturais da Maré, a criação cultural na favela vai muito além do samba e do funk.

O Centro Cultural Bela Maré, equipamento cultural escolhido como exemplo, produz e promove artes visuais, performances, literatura, tecnologia, cinema, entre outras ações de cultura. Portanto, transformando a visão de que na favela não existe cultura ou que a cultura da favela é inferior, desmistificando os estigmas criados pela sociedade. Como moradora da Maré e educadora do Galpão Bela Maré, percebo que os equipamentos culturais presentes nas favelas geram um impacto muito positivo na vida dos moradores. Facilitando o contato com a arte, aproximando o morador de ações culturais e proporcionando que a criação nas favelas nunca cesse.

BIBLIOGRAFIA

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos . **Um século de favela**. 5ª edição. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 372 p.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: A maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. 2ª edição. ed. São Paulo: Gente, 2014. 168 p.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: Do mito de origem a favela.com**. 5ª edição. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 204 p.

BARBOSA, Jorge Luiz; DIAS, Caio Gonçalves. **Solos Culturais**. 1ª edição. ed. Rio de Janeiro: Observatorio de Favelas, 2013. 200 p.

VARELLA, Drauzio; BERTAZZO, Ivaldo; JACQUES, Paola Berenstein. **Maré vida na favela**. 1ª edição. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. 128 p.

COMUNICAÇÕES DO ISER. -. **A memória das favelas**. Rio de Janeiro: ISER, 2004. 123 p. v. 59.

FACINA, Adriana. **“NÃO ME BATE DOUTOR”:** **FUNK E CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA** . Salvador: Enecult, 2009. 10 p.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **ESCOLAS DE SAMBA, IDENTIDADE NACIONAL E O DIREITO À CIDADE**. Niterói: UFF, 2012. 17 p.

VAZ, Lilian Fessler. **Um território híbrido na Maré, RJ. Novo território cultural?**. Rio de Janeiro: -, 2009. 16 p.

SITES:

REDAÇÃO. **73% dos moradores da Maré (RJ) afirmam que ‘muro’ da Linha Vermelha serve para ‘maquiar’ comunidade**. Rio de Janeiro: Consciência.net, 2011. 1 p. Disponível em: <<http://consciencia.net/73-dos-moradores-da-mare-rj-afirmam-que-muro-da-linha-vermelha-serve-para-maquiar-comunidade/>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

ALBUQUERQUE, Almir. **Pobreza gera violência? Depende.** Rio de Janeiro: Panoramica Social, 2011. 1 p. Disponível em: <<http://www.panoramicasocial.com.br/2013/05/pobreza-gera-violencia-depender.html>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

PROGRAMA MONUMENTA DO MINISTÉRIO DA CULTURA. IPHAN. **Samba do Rio de Janeiro é Patrimônio Cultural do Brasil.** Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. 1 p. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1941/samba-do-rio-de-janeiro-e-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

VALLA, Victor Vincent. **Educação, participação, urbanização: uma contribuição à análise histórica das propostas institucionais para as favelas do Rio de Janeiro, 1941-1980.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1985. 1 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1985000300002>. Acesso em: 05 dez. 2017.

COSTA, Renato da Gama Rosa. **Entre 'Avenida' e "Rodovia": a história da avenida Brasil (1906-1954).** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. 1 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000100020>. Acesso em: 01 dez. 2017.